

Ânima

curadoria de Ana Roman e Paula Plee

exposição-encerramento

I Mergulhos da Piscina | 26, 28, 30 de novembro, 2019

Artistas

Anais Karenin; Angela Od; Brisa Noronha; Camila Fontenele; Daniela Paoliello; Gabriella Garcia; Heloisa Hariadne; Fernanda Vallois; Vitória Cribb

Ânima ou alma, refere-se, na psicologia, a uma parte da psique que está em contato com o inconsciente e, na teoria junguiana, a ânima é o componente feminino presente na personalidade de todos os seres humanos. O termo aparece como ponto-chave articulador das poéticas das artistas mulheres contemporâneas reunidas na mostra. O que se vê é um mergulho profundo no feminino e, mais ainda, em uma relação com a natureza menos mediada por um processo de dominação da mesma. A leitura que fazemos dos trabalhos perpassa a ideia de alquimia e, ao que, de modo convencional, pode nos remeter à bruxaria.

A alquimia consiste em uma série de ensinamentos práticos e teóricos voltados à transformação e ao aperfeiçoamento da matéria e voltados a uma incessante busca pelo elixir da vida. Já a bruxaria, termo que assumiu traços pejorativos ao longo da história, designa as práticas realizadas por mulheres conhecedoras das ervas e da natureza, e que, principalmente, possuíam autonomia sobre seus corpos. Tais mulheres foram perseguidas e condenadas durante a Idade Média e, atualmente a partir dos estudos de Silvia Federici, sabemos que estas foram incriminadas porque, de certa forma, representavam a resistência e perigo ao capitalismo que se organizava. A alquimia e a bruxaria são formas de apreensão do mundo e de suas dinâmicas que foram, por muito tempo, subjugadas em nome de um conhecimento universal, científico e masculino.

Revisitar tais formas de conhecimento se torna fundamental no contexto contemporâneo. Dentre as iniciativas que buscam conectar essas formas de conhecimento da alquimia com os estudos entendidos como científicos, destacam-se aquela de Carl Jung. O autor, entre os anos 1930 e 1940, deslocou os ensinamentos alquímicos para o campo da psicologia. Para ele, a sabedoria milenar dos alquimistas poderia ser um instrumento de compreensão e de comunicação para as manifestações do inconsciente coletivo na psique individual. Deste modo, todos os estágios psíquicos ligados ao processo de individuação poderiam

ser vistos metaforicamente a partir dos estágios alquímicos. Ao abandonar suas crenças místicas, a sociedade contemporânea não encontra meios de explicar o mal presente no mundo e em si mesma, relegando-o ao inconsciente. Através da alquimia, o indivíduo é chamado a olhar para si mesmo, e conseqüentemente a confrontar-se com sua sombra, reconhecendo os aspectos sombrios de sua ânima e de sua persona.

Os trabalhos das artistas reunidas na mostra dialogam com tal princípio alquímico: voltar-se a si mesmo, em uma relação mais direta com a natureza e com o universo que nos cerca. Nas fotografias de Daniela Paoliello e Camilla Fontenelle temos, por exemplo, uma espécie de relação menos objetificada com a natureza. As "fotos-pedra" de Daniela nos aproximam desses elementos, cuja temporalidade escapa ao instante de captura. Há, nas fotografias, uma posição clara da artista perante seu objeto, no entanto, a forma como os elementos são fotografados dá a eles certa autonomia. As rochas não são imutáveis e paradas e, muito menos, dependem de nós para existirem na Terra. Seu tempo, porém, é outro. A longa duração do tempo geológico em contraposição ao instante captado pela fotografia da artista coloca em evidência, para nós, a ideia de permanência. No trabalho de Camila Fontenele, o corpo feminino e o fenômeno natural colocam-se lado a lado, criando uma coexistência entre si. O mar é capturado pela fotografia e, seu movimento, ao ser capturado, transforma-o em concha. A concha que guarda a memória do silêncio que vivemos diante de tal imensidão. No autorretrato da artista, a concha é a memória de sua existência perante o mar.

Vitória Cribb nos lembra de que maneira fenômenos naturais podem marcar o corpo feminino. Em sua pesquisa, a artista trabalha com modelos gráficos e computacionais que existem em um mundo não concreto. No entanto, o corpo humano e a natureza nesse espaço virtual se referenciam nos espaços tangíveis da materialidade concreta. A operação de Cribb nos coloca diante de um universo que, ao olhos de alguns, pode guardar componentes distópicos e cuja potência reside na possibilidade de criação de uma natureza outra. Nos trabalhos presentes na mostra, a artista busca, na gestualidade da tinta sobre o papel, uma tentativa de afirmar sua existência para além do digital. Através de um jogo de simetria e assimetria, cria formas e padrões que podem remeter ao movimento contínuo das águas ou das auroras polares.

Nos trabalhos de Heloisa Hariadne e Brisa Noronha, a natureza é representada em seus fragmentos. Nas gravuras de Heloisa, um elemento célula é reproduzido pela artista, e seu movimento – ou crescimento – parece ser captado pela repetição. Tais representações podem por vezes evocar fragmentos

de rocha, que juntas, formam um corpo-célula, que constitui um todo, um corpo feminino que é representado também em pintura pela artista.

Já nos trabalhos de Brisa, a repetição é um procedimento. Como na natureza, porém, nenhuma repetição é perfeita e cada repetição é única. Nos gestos da artista, seja ao modelar as peças, seja ao organizá-las, são produzidos corpos frágeis distintos que, em coletividade, ganham resistência e ocupam o espaço. Trabalhos como *Cabeças de touro* (2015) e *Jokenpô* (2017) podem ser entendidos como uma interessante metáfora sobre a coletividade e sobre a organização entrópica presente nos elementos da natureza. Na série Paisagens descontínuas e degradantes (2015), a mesma argila presente no conjunto de esculturas é transportada à tela, que em sua materialidade remonta à paisagens terrosas, áridas e inabitadas que parecem carregar consigo uma atmosfera que, como sugere o título, pode remeter à nossa realidade atual.

As formas orgânicas esculpidas por Gabriella Garcia colocam em uma tensão as relações entre o artificial e o natural. Em uma pretensa organicidade, tanto *Illusory Weight* como *Casulo*, modificam o espaço de seu entorno com sua presença sólida, que guarda, porém, uma ambiguidade entre as formas: seu aparente peso e sua leveza factual. No oco da rocha que habita o espaço de exposição, há a explicitação de uma certa simbiose entre o universo da artificialidade e as forças naturais. *Casulo*, pode ser entendido como uma referência à introspecção, necessária a toda verdadeira transformação, além de remeter a outros elementos encontrados na natureza.

Na mesma direção, Anaïs Karenin, constrói uma instalação ambiental com elementos naturais e materiais do universo da construção civil. Manipulados pela artista, os materiais ganham formas orgânicas que questionam a dualidade entre o natural e o artificial, evocando, em si mesmos, uma dinâmica própria de equilíbrio e de instabilidade diante dos olhos do espectador. A tensão presente nessa dualidade se explicita tanto na malha metálica, que carrega um aglomerado de pedras – material fragmentário essencial para na construção civil para constituição de força e resistência –, como nos blocos de cimento branco, que sobrepostos, evidenciam o contraste entre a geometria artificial de alguns à reminiscências orgânicas de outros.

Nos trabalhos de Fernanda Vallois e de Angela Od há uma dimensão do ritual e de uma narrativa não necessariamente linear para os fatos. As fotos de Vallois trazem corpos femininos que, em atmosferas que remetem muitas vezes a um estado de um transe particular e íntimo, explicitam a consciência de si mesmos. A artista parece fazer um movimento de captar a alma de suas fotografadas no instante ritualístico do clique. Já para Od, há uma narrativa

ficcional fantástica e épica. O tempo despendido para feitura do bordado em tecido estende-se sobre a superfície pictórica formada e habitada por personagens que encontram-se em situações de encruzilhada e de desafio. No trabalho presente na mostra, uma personagem feminina trava um duelo com uma cobra. Esta situação de embate remete, por sua vez, ao confronto que o indivíduo tem com sua sombra e através de um estágio de introspecção, é convidado a reconhecer e superar aspectos sombrios de sua ânsima.

Por fim, em uma reflexão sobre as relações entre espaço e tempo, sobre a construção de narrativas, tem-se a performance duracional da artista Alice Yura. De costas para o público, o corpo de Alice, em um vestido rosa pálido, que remete àquele usado por princesas, se coloca no espaço expositivo por um longo período de tempo e os espectadores são convidados a pentear seus longos cabelos lisos enquanto conversam com a artista, que segura um espelho nas mãos. A força de *Contos de Fada*, reside na vulnerabilidade do corpo da artista e de sua feminilidade. Os movimentos delicados e repetidos da escova sobre os cabelos se constituem em uma troca íntima e verdadeira entre a artista e os participantes.

Os trabalhos reunidos na mostra discutem a ideia de como existir no mundo e, de que maneira, a multiplicidade permeia tal existência. Não se trata, de um domínio, e de uma subjugação da natureza, do tempo e do espaço ao conhecimento. Mas, em uma busca pela finitude certa, diante de um cenário de incertezas. Nosso movimento, como curadoras, nessa exposição, não busca a idealização dessas outras formas de se relacionar com o planeta. Trata-se, porém, de evidenciá-las e vê-las como um complexo ponto de partida – e de chegada – dentro do pensamento e da produção artística de mulheres, que coloca-se como meio de resistência e crítica à dinâmica contemporânea.

Paula Plee
co-fundadora e curadora

Ana Roman
colaboradora e curadora de projetos especiais

~~~~~  
**PISCI**  
**-NA**  
~~~~~

